

Economia - Brasil

A delicadeza da situação do Brasil

O quase-pânico que se instalou nas bolsas brasileiras na segunda-feira permite tirar algumas conclusões importantes para a condução de toda a política econômica, para não dizer a política brasileira em geral. Até o dia 20, as oscilações das bolsas do Sudeste Asiático — onde começou a crise — não haviam afetado as brasileiras de maneira a causar preocupação para as autoridades monetárias. As altas e baixas observadas não foram tidas como anormais, especialmente porque não houve nenhuma repercussão na área do câmbio. Segunda-feira foi diferente — e a diferença radicou em que foi a queda da Bolsa de Nova York que provocou queda generalizada nas bolsas mundiais e o estado de quase-pânico em que mergulharam os investidores no Brasil. Esse fato — o de ter sido a Bolsa de Nova York o fator determinante de uma situação que se apresentava como de crise — só permite uma conclusão, queiramos ou não admiti-la: a globalização fez que a economia mundial passasse, de fato, a gravitar em torno da economia dos Estados Unidos, hoje cerca de um quarto da economia mundial.

Não bastassem os dados negativos da segunda-feira para comprovar nossa afirmação, na terça-feira, todas as bolsas européias — antes da abertura do mercado norte-americano

— registraram uma queda preocupante. Só quando foram conhecidos os resultados das bolsas norte-americanas — especialmente a de Nova York — é que houve uma reação, que se confirmaria ontem, quando todas as bolsas européias fecharam em altas expressivas. No Brasil, na terça-feira, sucedeu praticamente a mesma coisa: a bolsa abriu em violenta queda e, pior que isso, tentou-se especular com a desvalorização do real. Esse fato obrigou o Banco Central a intervir fortemente no mercado, ainda que a um custo muito elevado. A situação, na terça-feira, só se acalmou graças à providencial decisão de só abrir o pregão na hora da abertura da Bolsa de Nova York e à adoção do sistema do *circuit breaker*, o que permitiu à Bovespa chegar ao fim do pregão com alta de 6,4%, acompanhando mais uma vez a reação da Bolsa de Nova York.

A reação da Bolsa de Nova York, convém recordar, só foi possível porque as grandes empresas norte-americanas deram ordens de compras vultosas na abertura dos pregões — a IBM teria comprado US\$ 3 bilhões de suas próprias ações —, que evitaram um crash mundial de



repercussões imprevisíveis. Ontem ainda, a solidez da Bolsa de Nova York contribuiu para reerguer a Bolsa de Hong Kong, que teve uma alta recorde de 18,22%, com o que se abriu um quadro novo para todas as bolsas do mundo.

Ao salientar a importância decisiva do comportamento da Bolsa de Nova York para o restabelecimento da tranquilidade nos mercados financeiros do mundo inteiro, não estamos pretendendo minimizar a importância da atuação

do Banco Central brasileiro na terça-feira.

Mas a intervenção do Banco Central do Brasil — que elogiamos em editorial de ontem, mesmo porque era obrigatória — teve um custo elevado, pelo qual se pode medir a delicadeza da situação do Brasil. O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, insistiu na tese do lucro realizado pela instituição que dirige, que recomprou a R\$ 1,015 os dólares que havia vendido a R\$ 1,1065. Não explicitou, porém, que havia vendido US\$ 10 bilhões e recomprado apenas US\$ 2 bilhões. Essa recompra, provavelmente, tenha continuado ontem. O fato grave a registrar, contudo, é que o fechamento do câmbio na terça-feira mostrou que saíram do País nada menos do que US\$

5,114 bilhões — 8% das reservas do País num único dia! Tais saídas se verificaram essencialmente nas operações financeiras, que incluem o retorno das aplicações bolsistas. O saldo líquido de US\$ 931,8 milhões das operações em bolsa registrado até o dia 27 de outubro, que o presidente do BC pôs em destaque, transformou-se assim em vultoso déficit. Neste quadro, pode-se entender a incerteza que voltou a dominar on-

**A defesa do real
teve custo
elevado, que
pode afetar o
crescimento
econômico**

tem o mercado bolsista brasileiro com flutuações acentuadas e fechamento em nova queda expressiva. A defesa do real tem um custo elevado que afeta o crescimento econômico.

Se o pior foi evitado terça-feira, principalmente graças ao comportamento da Bolsa de Nova York, isso não significa que poderemos continuar confiando apenas na evolução do Índice Dow Jones e na capacidade de vender dólares para evitar a especulação no mercado futuro. Cabe especialmente ao Congresso ajudar o Brasil, realizando as reformas que permitirão que a estabilidade da moeda não dependa apenas de uma política de taxa de juros elevada e de um real valorizado.